

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 9.)

Ascensão da seiva.

186.º Logo que a seiva penetra dentro das raizes é posta em movimento, e sobe pelo interior do lenho das arvores até ás suas extremidades verdes — este movimento tem o nome de *ascensão da seiva*.

187.º A seiva que segue o caminho que acabamos de indicar, e que se denomina *seiva ascendente* ou *radicular*, é um liquido transparente, essencialmente aquoso, de um sabor adocicado e algumas vezes salino, que contem em suspensão ou em dissolução varias terras, saes e acidos; assim como muitos outros principios nutritivos das plantas. Este liquido corresponde á *limpha* dos animaes. Não apresenta a mesma composição em todas as plantas, nem em todas as estações do anno. Diversifica ainda na mesma planta segundo a altura do caule onde se observa, sendo mais denso e mais sávido na sua parte superior do que na inferior, o que manifesta que se vae elaborando successivamente na sua marcha em os tecidos do vegetal, assim como acontece á *limpha* nos vasos lymphaticos dos animaes.

188.º A seiva ascendente ou radicular é muito diversa da *descendente* ou *caulinar* — esta é em verdade uma transformação da primeira, mas passou successivamente por um grande numero de elaborações para experimentar a final uma tão profunda metamorphose. Effectivamente apparecem nella muitas substancias organicas, que não existem na seiva radicular, por exemplo, a goma, o assucar, o gluten e varias outras de que fallaremos adiante. A seiva descendente póde comparar-se ao sangue arterial; pois que em ambos estes liquidos nutritivos se encontram as substancias alimentares necessarias ao desenvolvimento quer das plantas, quer dos animaes.

189.º O movimento ascendente da seiva é um facto, que a experiencia tem cabalmente demonstrado.

Se cortarmos o caule ou um ramo qualquer da videira no começo da primavera veremos manar aquelle liquido em grande abundancia do corte inferior do mesmo caule ou ramo. Todos os agricultores do nosso paiz tem conhecimento deste phenomeno.

190.º O curso da seiva é mais ou menos rapido, segundo as diversas estações, segundo o desenvolvimento mais ou menos energico das folhas, e a maior ou menor elevação da temperatura: a natureza e a humidade do terreno, o vigor e a mocidade da planta não podem tambem ser nem effectivamente são estranhos a este phenomeno.

191.º Julgava-se antigamente que o movimento da seiva cessava inteiramente de inverno; mas este erro foi desvanecido pelo raciocinio e pela experiencia; sem este movimento a vida da planta fóra impossivel — e que elle se verifica o demonstrão a observação attenta dos factos, o desenvolvimento posto que lentamente as gemmas, e a consolidação das camadas lenhosas.

192.º Os antigos disputaram por longo tempo sobre a natureza e posição dos orgãos por onde tinha logar a ascensão da seiva; uns suppunhão que era pela medulla, e outros pela casca: mas hoje está demonstrado que é pelas camadas lenhosas que se verifica este movimento. *Coulon* teve fortuitamente occasião de conhecer esta verdade: cerrando circularmente varios choupos, e deixando intactas as camadas lenhosas mais proximas da medulla, observou que era por estas camadas, que se dirigia a principal corrente da seiva ascendente. Estas experiencias forão depois repetidas e derão o mesmo resultado.

193.º E' na verdade prodigiosa a força impulsiva que faz subir a seiva pelo caule da planta; esta força nas arvores, equilibra com uma columna de mercurio de 32 pollegadas; excede por tanto o peso da atmosfera, ou o de uma columna de agoa de 33 pés, que equilibra com uma columna de mercurio de 28 pollegadas.

194.º Muitas são as causas da ascensão da seiva: além da *força organica*, que já mencionámos como causa principal da absorpção, depende ainda este phenomeno, 1.º da *capillaridade dos orgãos* por onde a seiva marcha. Quando os tubos são capillares, isto é, quando tem diametros eguaes aos de um cabello, os liqui-

dos sobem nestes tubos acima do seu nível, ora neste caso se achão as cellulas e os tubos da planta; 2.º da *exhalação das folhas*; esta exhalação produzindo vazios nestes órgãos, os liquidos devem ser por elles aspirados; e como a planta é um todo continuo, esta aspiração deve ter successivamente logar nos órgãos immediatos, e a seiva deve ser por conseguinte atrahida de baixo para cima; 3.º do *movimento nutritivo*; este movimento, convertendo os gazes em liquidos, e estes em solidos, deve produzir vazios semelhantes aos da exhalação com consequencias em tudo eguaes; 4.º finalmente da *excitabilidade dos órgãos encarregados deste movimento*, os quaes sendo excitados pelo liquido seivoso não podem deixar de reagir sobre elle forçando-o a subir desde a raiz até ás folhas. Todas estas causas são applicaveis á absorção das raizes.

195.º Mas além destas outras existem ainda, que por menos importantes, deixão de ser aqui mencionadas.

Exhalação.

196.º A seiva perde a agoa superabundante, que contiha, logo que penetra nas folhas e nos tecidos verdes da planta. O acto vital, que dá origem a este phenomeno tem o nome de *exhalação* ou de *transpiração*.

197.º E' em geral debaixo da fórma de vapôr, que se exhala na atmosphera a agoa superabundante da seiva. Quando esta exhalação é pouco consideravel o vapôr aquoso é absorvido pelo ar, e torna-se invisivel para nós; mas se ella se executa com mais intensidade, e se ao mesmo tempo a temperatura da atmosphera é pouco elevada, como geralmente acontece de noute, este liquido apresenta-se então debaixo da fórma de pequenas gotas dispersas sobre a superficie das folhas, como se vê no trigo, no milho grosso, na couve, &c.

198.º Julgou-se por muito tempo que este liquido aquoso era filho do orvalho da noute, e da madrugada; mas hoje está concludentemente provado que é um producto da transpiração vegetal augmentada, e que corresponde ás pequenas gotas de suor, que tambem apparecem sobre a epiderme dos animaes, quando a sua transpiração se torna mais intensa.

199.º O liquido, que se evapora dos tecidos verdes das plantas, traz sempre em dissolução varias substancias, que por inuteis á vegetação são expellidas para fóra do organismo vegetal. Além destas substancias outras são ainda expellidas por varios órgãos vegetaes em virtude de uma função a que damos o nome de *excreção*.

200.º E' extraordinaria a quantidade de agoa que as plantas exhalam quotidianamente na atmosphera: para se fazer uma idéa desta espantosa evaporação bastará saber que um pé de girasol chega a exhalar em 24 horas 30 onças daquelle liquido. Muitas causas pô-

dem porém retardar ou acelerar esta função; e entre ellas figura principalmente a temperatura, a maior ou menor abundancia de seiva, a acção mais ou menos intensa da luz, &c.

201.º Experiencias exactissimas nos ensinam que a quantidade de agoa exhalada está para a absorvida na relação de 2 para 3. Esta relação porém está sujeita a grandes variações, tanto na mesma como em diversas plantas; e estas variações pôdem ser taes, que produzam graves doencas nos vegetaes.

202.º Todos estes factos nos explicam a benéfica influencia que as culturas das plantas produzem nos climas aridos e quentes: quer entretendo uma humidade quasi constante na atmosphera, e tornando mais abundantes as chuvas e as fontes, quer adoçando a temperatura, e tornando mais ameno e sadio o clima.

Respiração.

203.º O mais importante trabalho, que a seiva experimenta nas folhas, é devido ao phenomeno que chamamos *respiração*. E' hoje um facto incontestavel que os vegetaes respiram como os animaes. E com effeito assim como nestes o sangue, pondo-se em contacto com o ar atmosphérico experimenta alterações, que o tornam proprio para a nutrição, assim tambem a seiva, que é o sangue dos vegetaes, sendo submettida nas folhas á acção do mesmo fluido, adquire novas propriedades, que a tornam o liquido nutritivo, e reparador das plantas.

204.º As folhas são os órgãos essenciaes da respiração vegetal; a sua estrutura é, como já vimos, maravilhosamente apropriada ao exercicio desta função: o grande numero de cavidades ou bolsas aereas todas communicantes entre si, que apresenta o seu tecido cellular, deixando-se facilmente penetrar pelo ar, e facilitando o seu contacto com a seiva, fazem destes órgãos uma especie de pequenos pulmões admiravelmente dispostos para o exercicio da função respiratoria.

205.º Mas não é sómente nas folhas, que tem logar a função da respiração, é tambem no involucro herbaceo dos ramos mais recentes; de maneira que nessa epoca, em que a planta se vê despojada daquelles órgãos, não deixa por isso de verificar-se, ainda que em muito pequeno gráu, esta importante acção vital.

206.º A respiração das plantas consta, como a dos animaes, de dois actos, um de *inspiração*, e outro de *expiração* — pelo primeiro o ar penetra dentro das folhas para ali ser decomposto — pelo segundo elle é expellido, e lançado na atmosphera depois do haver experimentado esta decomposição.

207.º O ar atmosphérico não é um corpo simples como pensavam os antigos: este oceano aereo ou gazozo, que circunda a terra, e se eleva acima da

sua superficie á altura de mais de vinte e cinco leguas, é composto de dois gazes o oxigenio e o azote.

208.º Além destes dois gazes encontra-se ainda no ar uma certa quantidade de acido carbonico, de agua, e de ammonia. O acido carbonico é um composto de oxigenio e de carbonio ou de carvão. Este gaz, tanto o que é absorvido pelas folhas como o que absorvem as raizes, é decomposto pelo acto respiratorio das plantas. Esta admiravel decomposição executa-se logo que elle penetra nos tecidos verdes, e que a luz actua sobre estes tecidos. A acção chimica da luz é uma condição indispensavel á funcção respiratoria das plantas; de maneira que durante a noite esta funcção cessa, e em vez das plantas expirarem o oxigenio, expiram o acido carbonico indecomposto.

209.º Logo que tem logar a decomposição do acido carbonico, o carbonio fixa-se na seiva, e o oxigenio que se achava combinado com elle torna-se livre, é expirado pela planta, e espalhado na atmosphera.

210.º Eis-aqui pois em que consiste a funcção de respiração vegetal — decompõe-se o acido carbonico, o carvão fixa-se na planta como o seu principal alimento, e o oxigenio que o acidificava é lançado na atmosphera.

211.º Esta funcção das plantas é indispensavel á harmonia do mundo organizado. Os animaes consomem constantemente oxigenio pelo seu acto respiratorio, as plantas acido carbonico. Se estas substancias pois indispensaveis ao entretenimento da vida não fossem fornecidas á atmosphera á proporção, que lhe são subtrahidas, ella se tornaria por fim impropria á respiração dos seres dos dois reinos, e estes perecerião irremediavelmente. Mas as previsões da natureza são aqui, como em tudo, de uma admiravel sabedoria; porque as plantas fornecem aos animaes, e estes ás plantas, os principios respiratorios de que carecem; isto é, os animaes lançam na atmosphera o acido carbonico, de que as plantas precisam; e estas subministram á atmosphera o oxigenio que os animaes se appropriam; contrabalanzando-se assim os dois reinos organizados, que não poderiam por tanto existir um sem o outro.

Circulação.

212.º A seiva elaborada pelas duas acções organicas, que acabamos de descrever, e enriquecida pelos principios nutritivos absorvidos no ar pelas partes verdes, adquirio propriedades novas, e transformouse nesse liquido nutritivo e reparador, que deve subministrar ao vegetal os materiaes proprios ao seu desenvolvimento ou á sua conservação. Este liquido tem o nome de *seiva descendente*.

213.º E' porém claro que este liquido contendo em si os materiaes da nutrição deve chegar a todos os pontos da planta para lhe subministrar esses mesmos materiaes. Deve por tanto descer desde a folhas

até á raiz; e neste caminho deve diffundir-se, e circular por todos os órgãos, e tecidos vivos do vegetal.

214.º Effectivamente estes dois movimentos existem: o primeiro tem o nome de *movimento descendente da seiva*, o segundo o de *ciclose* — e a ambos se tem dado, posto que com alguma impropriedade, o nome de *circulação da seiva*.

215.º Muitos auctores tem negado, e ainda hoje negão alguns, o movimento descendente da seiva; mas se nós fizermos uma ligadura circular no tronco, ou em algum dos ramos de qualquer das nossas arvores, veremos formar-se um rebordo ou burrelete acima desta ligadura, e isto em consequencia da estagnação da seiva, que descia pela casca da parte superior para a inferior da planta — e se despojarmos o mesmo tronco de um anel circular da sua casca, veremos a seiva manar abundantemente do corte superior; e presenciaremos por fim, a morte da planta, por havermos cortado os canaes, que lhe ministravão o fluido, que devia nutril-a.

216.º E na verdade é pela casca e a favor dos vasos, de que ella abunda, que desce a principal corrente deste liquido; assim como era pelo lenho e a favor dos tubos que principalmente o formam, que se dirigia a corrente da seiva ascendente.

217.º O movimento de ciclose, em consequencia do qual a seiva, fazendo muitos giros, se insinua e penetra pelos diversos órgãos, é tambem um facto, que se demonstra claramente em algumas plantas, e particularmente em todas aquellas que tem a seiva corada.

218.º E na verdade se nós observarmos por meio do microscopio (instrumento optico que augmenta consideravelmente os objectos) uma petala de *dormideira*, uma folha de *escorcioneira*, ou uma lamina delgada da casca do *sicomoro*, veremos circular a seiva corada destas plantas pelo interior dos vasos seivosos, e pelas suas successivas ramificações, fazendo muitos rodeios, e penetrando deste modo no interior de todos os tecidos.

219.º Tanto o movimento descendente da seiva, como o de ciclose, tem sido attribuidos a causas mui variadas: aquellas porém que mais geralmente se adoptão são a força *phísico-organica*, que chamamos *indosmose*, a *excitabilidade* dos vasos, que contrahindo-se sobre aquelle liquido lhe imprimem um movimento progressivo, e ultimamente a *acção nutritiva*, que actua neste caso de uma maneira identica áquella, porque obra no phenomeno da ascensão da seiva.

A NATUREZA.

A LUA.

Que alma de poeta não tem, ao contemplar o disco-prateado da *rainha das noites*, deixado voar o pensamento incerto pelas regiões nebulosas da fau-

tasia? Quem não tem adorado a casta Diana; quem não tem á luz palida do seu rosto formoso visto passarem nos ares as sombras ligeiras dos silfos, e fluctuarem as vestes alvas das fadas?

A Lua tem sido a consoladora inspiração para muitos, a companheira das noites solitarias para todos os desgraçados! Esse astro melancolico, que accompanha

com fiel escolta,

Ao praso dado o amante impaciente,

E c'o piedoso manto *encobre* roubos

De divinaes prazeres, — PHILINTO.

É o protector dos espiritos aërios, que a Musa romantica sonha pousados á borda das cascatas, mal-cobertos pelo véu de vapor que se alevanta das agoas espumosas da torrente; é a deusa grave, formosa, e ligeira dos cantores classicos, que entoam hymnos ao som da lyra que os Gregos lhe legaram.

Poetas de todas as edades, poetas de todas as escholias; todos quantos são dotados de uma alma capaz de sentir e de amar o bello, te teem votado a melhor parte dos seus versos, oh Lua formosa! É porque o povo te adora, o povo creê em ti, ama-te, deseja-te, e o poeta é interprete do sentir do povo.

Calumniaram-te, Lua; a ti tambem te calunniaram. — A quem não calunniam estes pigemeus da terra?! — Ousaram escrever de ti estas palavras:

« A *mumia* Phœbea, a nossa lua actual, que, por causa da sua morte, é privada de atmosphaera, não pôde ter senão o cristalino palido. Só o máu gosto dos civilizados pôde ser causa delles admirarem esse cadaver macilento, que se torna ainda mais odioso pelas suas reabsonções deleterias e pelo flagello da *lua russa* ou segundo inverno que cada anno vem deshonnar a primavera, tirar-nos não o dizimo nem o quinto, mas muitas vezes ametade das nossas colheitas; em fim, incommodar-nos em todo o curso do anno com temperaturas sempre excessivas em duração e perniciosas ao homem, ao animal, ao vegetal, cujas necessidades exigem a frequente variedade. »

Fourier, o *bon amigo* da humanidade, cubriu-te assim de affrontas para engrandecer a sua obra: o seu orgulho de socialista queria passar além da terra. A influencia da associação, como elle a concebia, pensava Fourier que se havia de entender até aos confins do Universo. Quando os homens se unirem nesses grandes grupos que elle denomina *phalansterios*, e ahí seguirem a impulsão das suas paixões naturaes; quando se estabelecer a *harmonia universal*; Fourier promette que cinco *luas vivas* se gruparão em roda da terra, em vez dessa que agora nos alumia, e que morreu, segundo elle, *de uma febre putrida que a terra lhe pegou*.

Como devem de ser bellas as cinco *luas vivas* de Fourier! Se nós todos nos resolvessemos um dia a viver em *phalansterio*, e a gozar as delicias da harmo-

nia *apaixonada*, na companhia das nossas formosas *favoritas*, *genirizes* e *esposas*, então teriamos noites tão claras como os nossos dias de agora, com uma illuminação de cinco astros e da *corda boreal*, que *existia antes do diluvio*.

Iremos, desgraçados! passando sem todas essas luas, e sem os *phalansterios*; e continuaremos, em que peze e Fourier, a admirar a nossa Lua *cadaver*, e a achar bellezas sem conto n'uma noute de luar do nosso Portugal, que tão lindas as tem. — Somos civilizados, e participamos do máu gosto destes barbaros.

Apesar da repugnancia que aos nossos leitores deve causar a autopsia de um *cadaver*, não podemos resistir ao desejo de lhes dizer o que hoje se sabe sobre a constituição physica da Lua. Os que temerem acompanhar-nos nesta viagem, podem parar aqui; mas nós confiamos que poucos desanimarão. Os Portuguezes, que foram á India com Vasco da Gama, podem muito bem ir á Lua com nosco.

Os antigos não tinham senão idéas vagas sobre a constituição da lua, que segundo Clearco definiam, « o mais bello espelho, o mais perfeitamente polido e lustroso do universo, onde se reflectiam as imagens e as figuras do grande mar oceano. » Hoje porém, depois da descoberta dos olhos, sabe-se que a Lua é um globo similhante á terra; mas cincoenta vezes mais pequeno em volume, que gira em roda do planeta que habitamos á distancia apenas de 80,000 leguas, alumiado, como nós, apenas pela luz do sol e pela luz reflectida pela terra.

A lua gira em torno de um eixo, como os planetas e o sol, mas o seu movimento é tão lento, que apenas perfaz uma volta completa no espaço de 29 dias e meio; é este mesmo o tempo que ella gasta em percorrer a sua *orbita* (assim se chama o caminho que os astros descrevem no espaço) em roda da terra. A reunião destes dois movimentos que se completam em tempos eguaes, faz com que nós vejamos constantemente o mesmo lado deste astro, e por consequente que a sua apparencia não mude.

Occupando posições diversas em relação ao sol, quando caminha em torno da terra, a Lua recebe a luz em pontos diferentes da sua superficie, e por isso se nos mostra com formas variadas; porque nós della só percebemos a porção illuminada. Quando a luz do sol dá em cheio na parte da Lua, que está constantemente voltada para a terra, nós percebemos todo o seu disco, e temos o que se chama a *lua cheia*: quando, pelo contrario, a luz do sol alumia só o lado da lua opposto ao que nós vemos, esta não pôde por nós ser percebida, e então diz-se que é *lua nova*: as posições intermedias da parte illuminada constituem os quartos. São estas diversas formas da lua *visivel*, que constituem o que se chama *fazes* da Lua;

Que se renova e reveza

Ora em fio, ora em crescente

Ora em sua redondeza,
Cada mez com que certeza. MIRANDA.

Com o auxilio dos telescopios a parte não alumia-da directamente da Lua não é inteiramente invisivel: a luz do sol reflectindo-se na terra dá a esta porção obscura uma fraca claridade, que se denomina *luz cinzenta*. Na região da Lua esclarecida pela luz cinzenta notam-se muitos pontos luminosos, que vão gradualmente crescendo á proporção que os raios do sol invadem a superficie que elles occupam. Quando o viajante olha de longe, ao romper da manhã, para o pico de Teneriffe, ou o Chimborazo, apercebe o cimo destes montes illuminado pelos raios do sol, quando ainda o resto se acha em profunda obscuridade; é isto mesmo que acontece ás montanhas da Lua, e por isso nós percebemos aquelles pontos luminosos perdidos no meio de espaços obscuros, de que acima fallamos.

A superficie da Lua é mais irregular ainda do que a da terra; serras altissimas, valles profundos e tenebrosos, indicam que aquelle globo tem sido revolvido por grandes abalos, e tem padecido profundas commoções.

A *selenografia*, isto é, a sciencia que estuda e descreve a superficie da Lua acha-se já muito adiantada: a altura dos seus montes está medida com exactidão: e sabe-se que alguns atingem 22,000 pés; as suas manchas obscuras, que os antigos astrónomos consideravam mares, teem recebido denominações. Os philosophos consideraram a Lua, o *orbe cadaver* de Fourier, como o seu paraizo; e dividiram-na em regiões, onde constituiram dominios, para habitarem esses entes superiores, a quem Deus tinha ornado a fronte com a brilhante corôa do genio.

Alevanta-se alli, quasi no centro, o reino do sabio Ptolomeu; desse astrónomo egypcio que escreveu o « Grande Systema », a que os Arabes deram a denominação de « Al Magesto », e que foi a fonte donde emanaram todos os erros de astrologia, que trouxeram enganada a credula meia-idade: Regiomontanos, Kepler, Plutarco, Seneca, &c., tambem alli teem padrões erguidos á sua memoria.

Os santos e os deuses do paganismo possuem na superficie da Lua reinos limitrofes, e não se fazem a guerra: os poetas tambem, esses divinos cantores da natureza, não ficaram desherdados, não foram esquecidos: Hercules, Santa-Catharina, Schiller reinam sobre os brilhantes dominios, que os astrónomos lhe dedicaram.

As cavidades que produzem no disco da Lua manchas escuras, foram consideradas como os mares daquella esfera, e receberam nomes que indicam o espirito poetico dos que primeiro as observaram: uma se denomina o *mar da serenidade*, outra o *mar de nectar*, outra o *mar da fertilidade*, outra o *mar das tormentas*, &c., Esses suppostos mares tão poetica-

mente baptizados não são porém mais do que profundas cavidades, valles immensos, taes como os teria a terra, se as agoas repentinamente desaparecessem.

Se a lua é habitada, os entes que a povoam devem de ter uma organização completamente differente da dos filhos da terra. Alli os dias duram 360 horas, e as noites teem uma duração equal: os mares, os rios não existem, e por conseguinte as serras escavadas não teem vegetação; atmosphaera ou não a ha, ou é de uma tão grande tenuidade que não pôde ser apreciada: as estações conservam-se inalteraveis. Com circumstancias taes, qual seria o habitante da terra que alli podesse viver? Nenhum. — Será a Lua um deserto? Quem o sabe? A natureza organica modifica-se por tantos modos, transforma-se tão profundamente debaixo da acção das circumstancias exteriores a ella, que ninguem pôde seguro responder a uma tal pergunta.

Os phenomenos astronomicos devem figurar-se aos habitantes da Lua de um modo muito diverso do que se nos apresentam a nós. Como a Lua tem constantemente a mesma metade voltada para a terra, só essa metade goza na sua immensa noute do clarão reflectido por este planeta, que tem uma apparencia treze vezes maior do que essa que aquelle globo tem aos nossos olhos, em quanto que a outra metade jaz 360 horas na mais profunda obscuridade.

Mr. Quetelet descreve do seguinte modo o aspecto que a terra deve ter para os observadores collocados na Lua:

« Os nossos vastos continentes, os nossos mares, mesmo os nossos bosques são visiveis para elles: percebem as enormes pilhas de caramellos amontoados nos pólos, e o cinto de vegetação que se estende para um e outro lado do equador; assim como as nuvens que fluctuam sobre nossas cabeças, e por vezes nos ocultam aos seus olhos. O incendio de uma cidade ou de um bosque não lhes pôde escapar, e se possuem bons instrumentos de optica podem mesmo vêr a edificação de uma nova cidade, ou o caminho de uma frota. »

A terra tambem apresenta *fazes* aos habitantes da Lua, porque a sua apparencia muda com a sua posição em relação ao sol.

A formosa deusa das noutes tambem, como o sol, cobre por vezes o rosto pallido com um véu de crépe, e deixa os homens na solidão e nas trevas: estas occultações da lua n'um céu sereno e puro, são resultado do fenomeno que se denomina *eclipse*.

A terra é um corpo opaco, e esferico, e por isso o sol não pôde alumiar senão um dos seus lados, e nunca ambos simultaneamente; daqui resulta que, do lado oposto áquelle que recebe os raios do astro da luz, se deve estender pelo espaço um cône de sombra do comprimento de 300:000 leguas; nos lados deste cône a sombra é menos espessa, porque ahi chegam já alguns raios de sol, e a sombra vae pouco a pouco es-

vaecendo-se até se perder na luz pura: este espaço entre a luz e a sombra é o que se chama a *penumbra*. Quando pois a terra se collocar entre o sol e a lua, e esta ficar envolta na sombra, o seu clarão desaparecerá, e haverá *eclipse*. O eclipse pôde ser *total* quando a Lua fica toda na sombra, ou *parcial*, quando uma só parte della desaparece.

Quando se aproxima o momento de um *eclipse*, a Lua perde pouco a pouco o seu brilho, até desaparecer completamente; a maior parte das vezes porém, o seu desaparecimento não é total.

Ao astro dos poetas teem, desde a mais remota antiguidade, os homens simples do povo, e com elles muitos philosophos, attribuido uma influencia directa sobre o tempo, sobre a vegetação, e até sobre o estado dos animaes. Plutarco crê que o luar faz apodrecer as carnes, Theofrasto julga que a lua nova possui o poder de produzir o máu tempo: o nosso povo pensa que o tempo muda com os quartos; e que a Lua de Abril tem a mais funesta influencia sobre os olhos das arvores, e sobre as plantas tenras. Schubler dedicou muitos annos de estudo á comparação destas opiniões populares com os factos; o resultado porém, se á primeira vista parece confirmal-as, não tem, considerado com attenção, nenhuma importancia; porque as observações fôrão feitas de um modo falso e desarazado, e as generalisações não nascem dos casos particulares, senão depois destes torcidos e contrafeitos.

A calumnia popular veio unir-se á calumnia de Fourier para enjuriar o astro saudoso e romantico.

Poetas uni-vos todos, como os antigos paladins, em defeza da vossa formosa Lua; acompanhae-a com vossos hymnos, cubria-a com versos sonoros das injurias dos seus inimigos: que nós agora, cheios de amarga saudade e de magoa sem par, vamos deixal-a, porque, como diz o nosso sublime Diniz

Já se vai das estrellas apagando
A scintillante luz; e a roixa aurora,
Das aves despertando a voz canóra,
Que alegre no Oriente vem raiando!

NUVENS.

Conhecer as circumstancias athmosfericas que precedem as mudanças do tempo, as que indicam a aproximação de uma tempestade, a variação dos ventos, chuva ou calór, seria da maior utilidade ao lavrador, e salvall-o-hia de muita perda grande e muito estrago irremediavel na sua fazenda.

Estabelecer porém regras fixas e seguras para por ellas se obter o conhecimento das mudanças athmosfericas é não só difficil, mas até impossivel; porque não são unicamente causas geraes que produzem estes phenomenos, mas pelo contrario, são a maior parte

das vezes circumstancias locaes, accidentes fortuitos, que podem tirar origem até da industria humana, quem transtornam completamente o estado do tempo, e até dão causa ás tempestades as mais violentas.

Ha com tudo signaes athmosfericos que, se não dão a certeza, dão ao menos a probabilidade de que o tempo soffrerá alguma transformação n'uma epoca proxima; e entre estes a fórma das nuvens pôde ser considerado como um dos que devem ser observados attentamente.



As fórmas das nuvens são muito e muito variadas; os meteorologistas porém dividem-nas em tres classes principaes.

— A primeira a que os meteorologistas chamam *cirrus* compõe-se das nuvens formadas de filamentos tenuous, que affectam por vezes a fórma de um pincel ou de uma rede, e que dão ao céu o aspecto marmóreo (2). — A segunda classe denominada *cumulus* affecta a fórma arredondada, ou de semi-esfera, assentando sobre uma base horizontal (3). — A terceira que recebeu o nome de *stratus*, tem o feiço de fachas horizontaes dispostas em camadas umas sobre outras (1).

Estas fórmas primordiales combinando-se entre si dão origem a classes de nuvens intermediarias. Quando as nuvens baixam até ao chão descarregando uma chuva abundante tomam o nome de *nimbus* (4).

As nuvens da primeira classe são as mais ligeiras, e as mais elevadas. São as primeiras que apparecem n'um céu puro. Na occasião de uma tempestade, engrossam e abaxam do lado opposto ao vento. No verão ellas annunciam chuva.

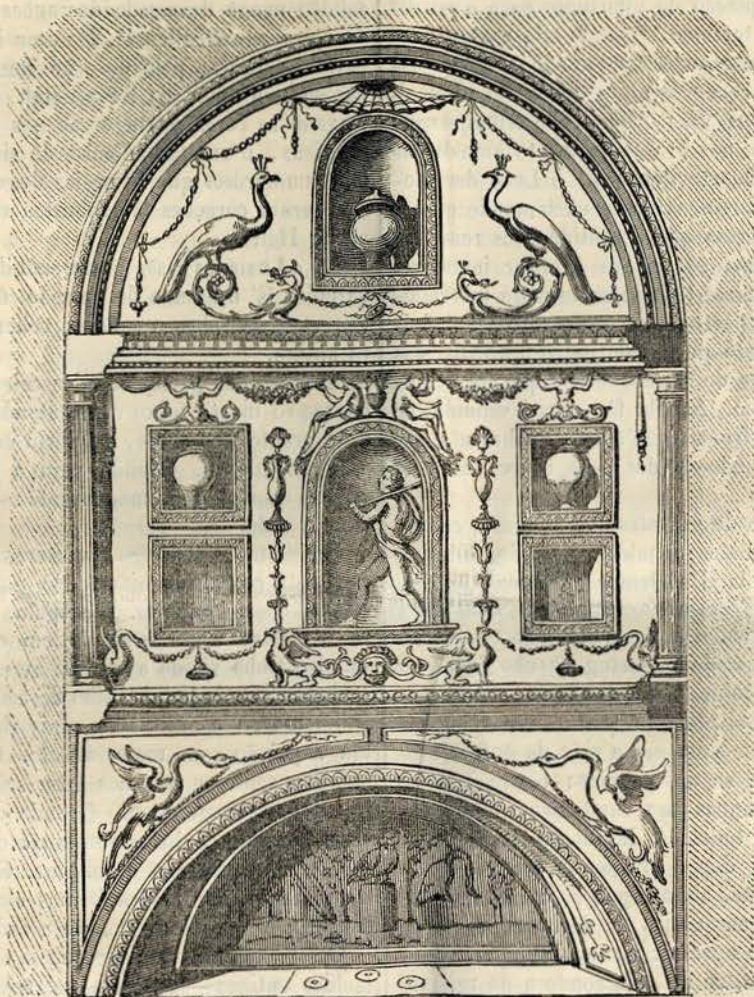
As nuvens da segunda classes são mais densas sobem menos alto. Nos dias socegados apparecem muitas vezes depois do nascer do sol, e vão engrossando até ao meio-dia, e ao pôr do sol desaparecem de todo: quando porém não desaparecem ao anoitecer então ellas indicam uma tempestade de noite, acompanhada de chuva. Ha outras nuvens que affectam esta mesma fórma, mas que se fôrmas debaixo de outras influencias; estas apparecem depois do meio-dia, e vão crescendo para a noite, até desaparecem no dia seguinte pela acção dos raios do sol.

A acção do sol sobre as nuvens é muito importante. Umas vezes chove de madrugada, e proximamente ás nove horas o sol dissipa as nuvens, e a chuva cessa: outras, o sol promove a formação de nuvens, e o dia que de madrugada estava sereno torna-se chuvoso até ao anoitecer.

As nuvens da terceira classe andam sempre muito baixas; formam-se de noite, e dissipam-se muitas vezes aos primeiros raios do sol. Estas indicam bom tempo.

Na estampa que damos acima pôde estudar-se a fórma mais ordinaria destas classes de nuvens.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



ARTE ANTIGA.

Já temos por vezes dado aos nossos leitores algumas gravuras, representando chefes d'obra d'arte, que os antigos nos deixaram; e que teem sido um objecto de estudo para os artistas das edades modernas: porque nesses modelos, que nos legaram os gregos e os romanos seus imitadores, se encontram as mais completas, as mais perfectas revelações do bello.

E' dos sepulchros, descubertos nas escavações de

Roma, que fóram arramadas muitas dessas magnificas creações do genio e do gosto, que formam agora a maior riqueza dos muzeus da Europa. A estampa que hoje damos é copia da face interior de um tumulo, encontrado na Via Aurelia, e notavel pela elegancia dos ornatos, e belleza da architectura; a maior parte deste tumulo é construido de teijolos pequenos brancos e vermelhos, combinados e dispostos com a maior arte, formando ornatos os mais graciosos e perfectos.

A ESCOLA MODERNA LITTERARIA,

IV

O SR. GARRETT.

HOUVE um homem a quem Deus fadou o martyrio da gloria, dando-lhe a poesia para destino da vida, dando-lhe a expiação do infortunio para o purificar das fragilidades terrenas. Quando elle cantou dormiam no sepulchro os grandes capitães do seculo; Vasco da Gama tinha fechado os olhos depois de vêr surgir um mundo á sua voz; Affonso de Albuquerque trespassado de magoa nos braços da morte amaldiçoava a conquista; e Duarte Pacheco, o Leão dos mares, gemendo em ferros expirava exclamando que a inveja era mais poderosa que a gratidão dos reis.

Da cruzada indiana só restava o ardor insaciavel da cubiça; os cavalleiros tinham-se tornado mercadores. O sol da gloria portugueza, no occaso, mal deitava o reflexo dourado de um ou outro feito d'armas sobre o triste reinado de D. João III, que foi a longa agonia do Imperio. Arzilla fôra quasi vendida ao mouro; e o ultimo fronteiro d'Africa quebrava a espada de dôr despedindo-se dos seus muros deshonorados.

A lucta tinha sido de gigantes: — os mares curvados á quilha dos galliões de balde se afadigavam em bramar com a procella. De Ormuz a Malaca, de Goa a Cambaya as quinas despregavam-se aos ventos em dobras orgulhosas, sudario dos potentados aziaticos. Como os romanos o soldado portuguez não podia ser vencido senão pela cubiça; em trocando o aço pelo ouro estavam irremissivelmente perdidas a conquista e a monarchia, porque uma era a vida da outra. Trocaram; amollecaram-se nas delicias; houve ingratos na corte; houve tyrannos nas capitánias; houve cegueira e avariza em todos. A decadencia começou no coração dos homens; depois chegou ás cousas.

Quando D. Sebastião, alma digna de melhores tempos, foi sepultar-se nas areias de Alcacer, a grande batalha não fez senão apressar a ruina. Porque triumphou a espada do Mestre de Aviz aonde a do rei moço se partiu? E' que os homens tinham mudado. Se os mercadores não corrompessem a boa tempera ao arnez dos cavalleiros d'Africa, aquelle dia patenteava as portas de Marrocos aos vencedores de Ceuta. A monarchia porém estava morta; podia acabar na apathia, no torpor vil de uma dissolução lenta; ao menos coube a D. Sebastião a gloria de morrer com ella no campo da peleja. O rei e o reino expiraram juntos, servindo-lhe de fêretro o mesmo berço em que tinham nascido havia mais de quatro seculos.

A Epopeia é o monumento erigido á grandeza das nações. Ninguem a inventa; ella é que se faz. E ne-

cessita-se de um facto que abraça toda a civilisação, que a domine e interesse, para o poema viver nas idades da historia. Homero celebrou a primeira cruzada da Europa contra a Azia; Virgilio, ecco do poeta grego, deu por berço ao imperio latino, que era o mundo, a gloria de Troia extincta; Camões no sepulchro em que via abysmar-se Portugal poz para epitaphio o derradeiro cantico da patria. — A aurora da conquista, quando unia á poesia do perigo o heroismo do sacrificio, e na hora em que affrontava as tempestades na solidão nunca devassada das agoas, era o nosso periodo epico por excellencia. Ha uma illiada completa nas batalhas feridas pela devoção de um sentimento generoso — o amor da terra natal. Os braços que hasteavam as côres portuguezas nas cupolas das cidades aziaticas, e varriam diante de si como pó exercitos mais numerosos que as areias dos desertos, eram braços, eram corações tão robustos como os de Achilles ou de Heitor.

Os «Luziadas» são neste sentido as Nénias da monarchia. E' o hymno do passado, é a saudade da gloria, cantada sobre o cadaver coberto da sua armadura antiga.

Era uso dos povos-soldados celebrar as virtudes do guerreiro morto sobre o seu ataude. Camões, limpando o pranto dos olhos, cumpriu com a patria a religião do tumulo. Quando veiu a jornada de Alcacer estava concluido o monumento: — Portugal já não morria todo.

Em Camões todos os caracteres do grande cyclo da conquista estão resumidos. No poeta, no individuo, está a epoca perfeita. Discipulo de Virgilio adorava o mestre como o seculo em que viu a luz. Cavalleiro tinha vivido a vida de aventuras e perigos dos soldados-reis da India. Filho do céu da peninsula, ninguem cantou o amor com mais alma, ninguem pintou a paixão com maior affecto. Quando desenha as batalhas sente-se voar nos éstos scintillantes dos guerreiros que se embatem. Quando descreve a procella vê-se, que a conheceu de perto em toda a sua magnificencia tremenda e sublime. Genio portuguez como nenhum, dentro das fórmulas classicas respira contrafeito; e por isso as rompe a cada passo.

Os criticos notaram-lhe que se esquecia demais dos moldes antigos — ousaram até condemnal-o. Os modernos estranham que não seja como elles. Ambos se illudiram com os «Luziadas.» Camões, mesmo no que chamam os seus erros foi portuguez e só portuguez; procurem-no por esse aspecto que hão-de explical-o melhor.

O torneio dos doze de Inglaterra será classico? Naquelle estacada, em que o combate vive, os homens respiram, e tudo sente, estará a fria imitação do copista, ou a memoria e a experiencia do soldado? Quando retrata os sitios, esboça os costumes, e narra os perigos da armada, se tirarem as allusões mythologicas que são accidentes de forma, será ro-

mano e imitador o espirito do cantico, ou a verdade poetica brilha em toda a luz tão facil e mais bella, do que no roteiro do primeiro navegador?

Dispão o poema dos ornamentos pagãos; substituam pelo maravilhoso christão as risonhas ficções gregas, e se houvesse pincel que a tanto se atrevesse haviam de vêr que os «Luziadas» são uma obra moderna em tudo, uma obra nacional, espelho fiel da epoca e das tradições portuguezas. Essa lucta entre a imitação classica e o sentimento moderno, de que lhe fazem um crime, diz mais do estado litterario daquelle periodo das idéas do tempo do poeta, do que muitos volumes de commentarios. Nascido no seculo XVI qual seria o homem que duvidasse da excellencia da arte antiga?

Mas o cantor dos doze de Inglaterra foi tambem o cantor dos amores de Ignez; — o epizodio lyrico mais bello e sentido, de que ha noticia. Que mimo, que frescura, que profunda originalidade amenizam aquelle trecho admiravel! A arte moderna distingue-se da classica imitadora em pedir ao coração as inspirações; em pintar a vida com verdade; em sentir o que descreve. Pergunte-se a quem já amou, a quem uma vez lhe doeu nas entranhas o amor maternal, se rebentará d'alma as lagrimas de Ignez, se são aquelles os verdadeiros gemidos da paixão? E esse, só esse poderá dizer se já alguém cantou o amor como o Camões, se houve poeta que chorasse como elle sobre os mimosos affectos, que embellezam a pathetica scena dos amores de Pedro o Justiceiro. Estes sentimentos tão difficeis de expressar só os pinta quem amou: só os chora do coração quem gemeu por elles curvado sobre um tumulto!

Camões tinha a sensibilidade exaltada, que é o martyrio sabido das almas fadadas á poesia. Como o Tasso as suas obras lyricas tornal-o-hiam famoso, se a Epopeia não fizesse parecer pequeno tudo o mais. A ventura adormece o corpo e o espirito; o infortunio é que faz os grandes poetas. Deem-lhe todos os thesouros da terra; deem-lhe todas as delicias imaginaveis, e assim mesmo não os farão ditosos. A felicidade delles é o ideal, e esse está fóra do mundo, aos pés de Deus. Lord Byron que diga se a nobreza e o ouro o póde tornar feliz!

Tomar a grande figura que fecha o seculo de maior esplendor para materia do poema moderno; e depois de lhe escrever no rosto o nome de «Camões» ser igual ao assumpto, era uma empreza tão arriscada como nobre. Tentou-a o Sr. Garrett; e não se exaggera o louvor, affirmando, que nesta lucta com o primeiro poeta da Peninsula a Musa romantica se envidou todas as posses, colheu em premio, tambem, o mais justo dos triumphos.

O «Camões» do Sr. Garrett é a analyse do periodo mais doloroso da vida do auctor dos «Luziadas». Quando se desenrola a teta, e o pintor dá os ultimos toques em obras desta elevação deve estremecer de

si e do julgamento, que o aguarda. Para se medir com o colosso e não ficar pigmeu é necessario unir á mais subtil reflexão os dotes da poesia, as gallas da imaginação, e o conhecimento profundo do abysmo das paixões humanas. Lord Byron, retratando o sombrio *Lara*, tirava as feições moraes da sua propria organização; não tinha modello que o desmentisse; não via diante de si um nome, que enchia o mundo; pelo contrario o cantor de «Camões», escrevendo a portuguezes era obrigado a tirar da verdade dos affectos todo o interesse e a dar á phisionomia do heroe a verosimilhança historica. Havia de cantar o poeta de «Ignez de Castro e Adamastor» como elle existiu sempre na tradição popular; como elle resae do proprio cunho em algumas estancias, em que se descreveu.

Descer ao seio do coração humano para descobrir o affecto que viveu nelle e sondar as paixões, que o queimaram, eis o que a bem poucos foi dado conseguir. Para apreciar a intelligencia a razão é a nossa luz; e erra e descuida-se assim mesmo muitas vezes; porém para erguer de cima do coração frio da morte o sudario de pedra que o esmaga e contar depois as agonias e as dôres que o dilaceraram, é necessario ter além da razão a sympathia e o sentimento que adivinham pela sua a alheia magoa. Sem chorar não se sabe como amarga o pranto do infeliz.

Mas, quando o coração que se pretende revelar é o coração de Camões; — quando a intelligencia, a que se vai dar corpo é a intelligencia que encerrou a sciencia de um dos seculos mais sabios e cantou as tradições de todos, as difficuldades multiplicam-se, o animo descóra, e a maior poesia sente-se pequena e prozaica diante do vulto, que ousa cinzelar!

O Sr. Garrett não fez ao grande poeta a injuria de lhe pôr na bocca as frases assopradas, com que uma escola de bastardos gongoristas se atreveu a desfeiar os personagens historicos. Não empolou o estylo, tomando a inchação por sublimidade. Estudou no original os doces affectos de que todo elle viveu sempre: — um que lhe devorou a alma; o outro que lhe consumio o coração. A estes só invocou como inspiração digna do assumpto, e por elles só tambem afinou o alaude romantico; Portugal e Camões quem os póde nunca separar? O cantor de Ignez quem ignora que amou com a alma inteira a patria e o sonho da sua vida, essa Natércia, visão suavissima que passára risonha por diante de todas as suas esperanças, que fóra o alento dos seus infortunios, e o balsamo de todas as magoas que o visitaram?

A unidade, o interesse, e o enlevo principal do poema do Sr. Garrett consistem na harmonia rara, com que estes dois affectos são tocados. Quando o amor da mulher se esvaece em um sepulchro, sobrevive-lhe o amor da patria até o campo da batalha servir de sepultura tambem a esse. Depois da jornada de Alcacer, Camões tinha consummado o seu des-

tino. Genio essencialmente nacional, o seu derradeiro suspiro estava marcado; era a hora em que as sombras do captivo desciam cerradas sobre a patria. Nos areas de Africa, onde o rei e a monarchia se tinham submergido, quebrou-se igualmente o unico laço que o prendia á terra. D'ahi por diante só pertencia á historia, era já da posteridade.

Descrevel-o a devorar com os olhos o espaço e a beijar com a saudade o ninho paterno; retratar a nobreza altiva, com que desmaia na penuria scellando os labios com profundo recato; e desenhar a amizade do escravo e do senhor, que se honra de ser intima, que é fiel em todos os trances a si propria, são rasgos bellissimos, que transportam o leitor no Canto I. Desde a invocação á « Saudade » um dos trechos mais originaes e mais sentidos da poesia moderna, até á scena tão nova e animada do escaller tudo nos dá logo as proporções do grande vulto, como a tradição o esculpio. O verso não se affecta; o metro é sonoro; a veia mana fluente, casta, e limpida, reflectindo como n'um espelho as côres e os cambiantes do pensamento.

Que religiosa commoção não é a que sobressalta o coração do poeta, quando no Canto II, vem ajoelhar-se na igreja, ouve rezar as orações dos mortos, e vê despegar-se da frente do cadaver a capella de rozas virginaes, e cahir-lhe aos pés? Que immensa agonia não encerra o presagio lugubre que lhe estalla então no peito? Que infinita dôr não vai conglobada no gemido unico que sóta ao arrancar o véu ao tumulo, ao vêr perdidos a esperança e o amôr? Como é profunda e rapida ao mesmo tempo esta scena; como são delicadas as tintas, que a animam! Não foi diante de Natercia para sempre perdida para elle que o seu pranto se exhala em queixumes. Os sentidos não podiam resistir ao golpe; o espirito já quebrado não teve forças para tanta dôr; — Os olhos fecharam-se e não viram; o lethargo adormeceu o coração. Entre a realidade e a vida houve uma pausa. Mais tarde ouviremos a alma do poeta, vagando apoz a saudade, chorar sobre as cinzas da esperança que morreu.

Se acaso se abrisse um concurso poetico a canção do « Camões » de certo levaria a palma aos melhores ensaios lyricos. Quando em Cintra se nos affigura vêr sobre as rochas pendentes o cantor de Ignez a resahir dentre a corôa nevoenta da serra, a destacar-se do manto vaporoso que tolda as derrocadas ameias do castello, quando o ouvimos gemendo em endeixas sublimes, não nos toma a illusão a ponto de crermos de veras seus os queixumes, com que o poeta o faz lamentar-se?

Correi sobre estas flôres desbotadas,
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulchro as ha murchado!
Roza d'amor, roza purpurea e bella
Quem dentre os goivos te esfolhou da campã?

Nesta canção, como as folhas da mesma flôr uma e outra se despegam, assim os affectos em terna melancolia se espargem sobre o tumulo recém-fechado do amor. E' a vida toda do Camões, a vida do coração, do espirito, e da intelligencia, que elle confia ás solidões da serra; que elle canta envolta em lagrimas aquella que já o não pôde ouvir. Que belleza singella no estyllo, que mavioso na frase, que philosophia nas idéas, que profunda analyse do coração humano nas transições, nas imagens, nas supplicas e nos ais! Camões sahe todo daquella canção como o infortunio o fez, grande pelo amor, maior pela devoção da patria.

São bellos todos os cantos — mas o ultimo talvez exceda os outros pela acção, pelo sublime pensamento do desenlace e pelo grandioso da scena. E' Camões agonizante no leito da charidade. Cobre-se com o lençol, que logo ha-de ser o seu sudario; véla junto d'elle a amizade apenas de um escravo; e aquella alma não esmorece, e aquelle peito não trepida. Crê e espera ainda. O rei moço passou o mar — a frota tocou na Africa — quem sabe! talvez os « Luziadas » não sejam o epitaphio da patria; talvez sirvam de prologo á nova Epopeia. E' neste momento solemne que lhe entregam a ultima memoria do amor; é então que lhe bate nos ouvidos a nova fatal da jornada de Alcaccer. Só pôde articular um grito — e este, o extremo soluço do coração que acaba de rebentar leva para o tumulo o nome da patria gellado na bocca fria.

O « Camões » será talvez o mais bello dos poemas do Sr. Garrett; o mais sentido de certo que é. A sua invenção esmera-se na simplicidade como as formosuras, que detestam os enfeites. O estyllo é puro, a imagem viva e propria, o verso facil e harmonioso. Como poema lyrico poucos haverá que o eguallem; e raro será aquelle que o poderá exceder. Em D. Branca a poesia canta o amôr na sua florescia; pinta a cavallaria com toda a lealdade dos antigos brios; descreve a vida com o maravilhoso das visões populares tão graciosas da nossa infancia. Têla matizada e vasta despregam-se ahí em côres esplendidas a esperança juvenil, a paixão que balbucia, o mundo ideal com que sonhámos ao sahir do berço e choramos perdido entrando no lavor da existencia. D. Branca é nacional no gesto, na idéa, e nas formas; é o poema cavalheiroso da meia idade, aonde se reflecte a veia inspirada do troveiro granadino, a canção do menestrel namorado, e o conto d'ao pé do lár do serão provinciano. Para cantar os amôres da bella princeza era necessaria a imaginação virente da juventude, o coração ainda enganado do mancebo, e a inspiração popular dos cancioneiros. D. Branca lembra os romances-poeticos de Walter Scott sem os imitar; tem a graça natural de « Oberon » sem a estudar; tem o sabor da vida e crença portugueza porque só dellas se inspira.

O « Camões » deriva-se de uma serie de idéas muito diversas. Poema de analyse e sentimento, o seu typo

é a vida da alma; são os affectos que alvoroçam o homem feito; são as illusões que de todo o sempre arrebatarão o peito do poeta. Quadro reflectido do viver intimo de um grande coração e de uma intelligencia sublime, a existencia externa entra mui pouco, e só como accidente na sua distribuição. O interesse não se forma da opposição dos caracteres, do enredado dos epizodios, e do desenlace da fabu'a. Caracteres, acção, e desfecho são simplicissimos, estão sabidos, e todos os conhecem. Em quanto D. Branca retrata mais a epoca pelas feições physicas (seja licita a imagem) o « Camões », Elegia admiravel, colhe o suspiro que revôa do coração aos labios; interroga o pranto que a dôr gella nas palpebras; e dos interrompidos ais da alma na solidão compõe a illiada do infortunio, o cantico do soldado-poeta, o extremo soluço do amor da mulher e do amor da patria, sepultados ambos n'um tumulto precoce. D. « Branca » é um romance, « Camões » é uma Elegia. A forma não altera em nada o pensamento que domina a architectura das duas obras.

Um poeta moço, o mais popular nos desejos, no gosto, e nas intenções de toda a esperançosa geração que tanto promete ás letras, o Sr. *Palmeirim*, retratou n'um rasgo de sublime simplicidade o auctor dos « Luziadas. » Todas as feições moraes da grande figura historica resahem do vigoroso toque do joven poeta; e tratando de « Camões » nenhum escriptor poderá deixar de estampar como epigraphe da sua obra os versos tão sentidos, tão naturaes e verdadeiros, que a inspiração lhe disse ao ouvido, e elle confiou ao publico em toda a ingenuidade do seu talento:

Que poeta, que não era
Da linda Ignez o cantor;
Quem mais do que elle dissera
Desse feio Adamastor!
Era um astro fulgurante,
Era um poeta gigante;
Tinha mais alma que o Dante
Cantava com mais amor!

Era; e mataram-no as esperanças do paraizo ideal, que sonhou e não pôde gozar na terra. Estallou da saudade da patria, que amava como poucos ainda amaram. Os ingratos applaudiram o poeta, e calcaram-lhe o coração aos pés do desprezo. Os invejosos viram as suas lagrimas, e fizeram irrisão dellas, limpando-as com a purpura do escarneo. A maior alma que teve Portugal passou entre elles e não a souberam senão ferir de magoas e ralar de pezares. Ao Dante disputavam entre si as cidades para dar um tumulto ás suas cinzas. Do « Camões » ignorou-se mui-to tempo em que sepultura humilde repousavam os ossos. Dizia-se vagamente que tinha ido n'um lençol enterrar-se a Sant'Anna. Nada mais! Que importa? O monumento nenhum príncipe, nenhum imperio po-

dia erguel-o como elle o fez das suas mãos. Miguel Angelo poz de pé sobre o sepulcro de um papa Moysés, o propheta, o simbolo da tradição antiga. O auctor dos « Luziadas » collocou no alto do seu, como trophéus, as glorias da patria e os prodigios da conquista; e d'então para cá, no seu occaso, nunca mais se proferiu na Europa o nome de Portugal sem a admiração dos povos acrescentar — « foi alli a terra de Camões; está lá o berço de Vasco da Gama! »

Ao monumento faltava uma pagina de inscripção; o Sr. Garrett traçou-a no seu poema. Faltava o epitaphio; o Sr. Palmeirim, como Beranger cantor nacional das memorias passadas, pegou no cinzel e escreveu no rosto da Epopeia portugueza o que está no coração do povo, o que a saudade de todos os seculos não cessou de repetir ainda:

Tinha mais alma que o Dante
Cantava com mais amor!

E' na Elegia e na canção popular, inspiradas pelo sentimento da nacionalidade, que se lavrou o desgarrado desta nação generosa. O segredo do Sr. Garrett tem sido sempre este de escolher entre as mil glorias da patria a que ella mais preza, a que mais vive no seu coração; e revestindo-a de fórmias graciosas e bellas dar-lhe corpo e espirito, e depois de revocada á vida pela arte entregal-a ao povo de quem é, associando-a ás suas crenças e ás suas affeições. Esta tem sempre sido a intenção da sua poesia, e para ella o levaram desde o começo as singelas graças da imaginação castigada, a fina reflexão do seu gosto, e a elevação creadora do seu genio.

E' por isso, que taes obras, tão nacionaes no cunho e no pensamento, hão-de viver em quanto houver Portugal; e se a mão do infortunio tão pezada para nós uma vez riscasse a nacionalidade portugueza do mappa da Europa, os poemas e os dramas, que a immortalisam, seriam a par dos Luziadas o que as estrophes do Tasso e do Ariosto são na Italia, a canção do captiveiro levantada das praias do Tejo ás margens do Mondego.

Não terá defeitos o Camões? De certo. Obra perfeita aonde se viu jámais? Esfria em muita parte a narração; fatiga um pouco, posto que bellissima, a noticia dos « Luziadas » na leitura figurada na presença de D. Sebastião. Aqui e além apparecem lapsos de estillo e frouxidão de versos. E' impossivel levar com equal inspiração até ao fim um longo poema Elegiaco. Mas bastava o canto I e o II; a adoravel canção do poeta em Cintra; e o canto ultimo para desculpar os maiores erros, quando os houvesse. Em toda a collecção dos romances-poeticos de Walter Scott nenhum se aproxima da belleza do Camões; e só em uma ou outra estrophe a Musa de Byron, quando é melancolica e reflexiva, e não descrente e desesperada, sabe tirar da harpa sons eguaes, tirando um can-

tico funebre semelhante ao que chorava o alaude do trovador portuguez.

Quando se aprecia um escriptor tão variado, o objecto da critica não é dissecar pela analyse miope os descuidos de frase, ou os lapsos de fórma. Colher de uma vista só toda a phisionomia litteraria, tomar de cada idéa as suas feições verdadeiras, e julgar a obra pelo todo e não pelos accessorios, eis a missão, que lhe incumbe, e a empreza que deve propôr-se.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VIII.

Vem do inferno, ou vem da terra?

(Continuação do n.º 9.)

— «Padre, o braço que feriu o coração e derramou o sangue do inimigo foi um braço nobre. Inigo Lopes — exclamou estendendo a mão com força — nas azas da tormenta, ou nas voragens da terra, ouve o juramento que faço, de accender as tochas do inferno no dia da tua vingança.»

— «Não blasphemem, atalhou o frade com império. Insensato, não acordes os mortos que repousam.»

— «Aquelle soube ser homem. Lavrou em tres sepulturas a historia da sua vingança.

— «Não chames por Inigo Lopes, disse o monge com algum tremor na voz. Gomes Lourenço é sangue delle. O alcacer em que estamos era de parentes teus; o conde Ordonho, tronco da tua casa, foi o pae d'Auzenda, a noiva do S. João... Desafiaste o inferno; guarde-te Deus que elle te levante a luva.»

— «Vivo ou morto venha quando quizer. Anno e dia prometto esperar o repto.»

— «Jesus!» bradou o frade, branco como o pilar de pedra a que se encostava.

Ou fosse acaso, ou fosse mysterio, o guante ferra-do d'uma armadura preta desprendeuse e veiu bater nas lageas, aos pés de D. Martim. O cavalleiro estremeceu, mudando de côr; mas ergueu a manopla. No canhão, em letras doiradas quasi comidas do tempo, leu o terrivel nome de Inigo Lopes.

Um instante o mirou calado, tremendo-lhe os dedos convulsos. Na fronte pallida o suor frio borbulhou ás gottas. Entre tanto, vencendo as commoções interiores, com apparencia tranquilla virou-se para o frade, dizendo:

— «Pelo que vejo, os mortos acordam aqui... é um duelo com Satanaz!...»

— «Martim Paes, gritou uma voz que parecia sa-

hir do fundo do sepulchro de Moço Ansures; acceito o repto! De hoje a tres dias, á hora da meia noite, responderás perante Deus. Prepara-te!»

D. Nuno, dobrando-se-lhe os joelhos de terror quasi cahiu de bruços; a D. Martim acontecia-lhe o mesmo, se não se encostasse á campa do conde Ordonho. Fr. Munio, tremulo e perturbado, exclamou, estendendo para elle o braço:

— «Estás satisfeito? O inferno emprazou-te para o dia de juizo.»

Uma risada convulsa e estridente resoou nas abobadas, e repetida nos echos foi morrer lá em cima na sala d'armas.

O monge não disse nada, mas, arrojando-se ao chão, começou a orar com fervor. Os dois cavalleiros tinham um nó na garganta, que os não deixava fallar.

Sem dizer palavra, todos tres se encaminharam para a escada, que se torcia até a sala d'armas. Os pés tremulos escorregavam dos degraus; e era tão profundo o silencio, que se podia quasi ouvir a pancada do coração, pulando atropellado contra o peito.

Quando chegaram á sala d'armas, assentaram-se, e muito tempo estiveram sem fallar. Por fim, virando-se para o monge, Martim Paes disse:

«Ha-de ser terrivel a historia de Inigo Lopes!»

«E'. E o povo ainda a conta com mais terrores. Nunca a ouviste?»

«Nunca.»

«Eu vol-a digo, como a ouvi da ama que me criou. Depois soube que nem tudo acontecera como a santa velha acreditava.»

«Principiai, Fr. Munio.»

E debruçando-se para elle, os dois cavalleiros fitaram-no com a curiosidade de quem deseje saber, em quanto o frade se recollhia e procurava ordenar na memoria as quasi obliteradas tradições. Decorridos alguns instantes, Fr. Munio começou assim.

CAPITULO IX.

A Torre de Cain.

LENDA DO SEculo XI.

I

Como do bom irmão veiu o máu christão.

Era no tempo, em que os walis de Cordova trazião quasi todo o reino sujeito aos reis mouros. Estava a entrar por dias o Conde Henrique; e vinhão com elle bons cavalleiros para o ajudarem a resgatar as suas provincias. Nos castellos christãos não havia noite nem dia. Ninguem despia as armas. O clarão das almenaras e o som das trombetas ou luzisse a manhã ou cerrasse a tarde não davão descanço aos fieis. — Era sempre estar nas ameias, ou na batalha.

Mas os melhores castellos tinham a voz dos descri-

dos; e as terras pagavão tributo a Sevilha. As ricas tapadas do Minho erão para elles correrem veados; e o marmore das nossas pedreiras era para lavrarem paços primorosos. Em tudo punhão deleite na primavera deste abençoado jardim, em que a lua é suave como o dormir da infancia, e o céu sereno como sorriso de virgem. Antes de irem ao inferno, que os hade tragar, passavam pelo paraíso que nos tinham roubado.

— « Enão havia cavalleiros que lh'estalasses uma lança no peito? » — acudio Martim Paes.

— « Os Cavalleiros? — continuou o frade — eram poucos. Todos se humilhavão regando de lagrimas os sulcos do arado que arrastavão mãos de escravos. Deus exalte o braço victorioso que fez nossa a terra que pizamos, a fonte que ferve ao pé do rosal, e a arvore que nos dá sombra. N'aquelle tempo, quando o arabe passava diante do villão ou do senhor, nenhum tirava a vista do chão ou se atrevia a beijar os filhos.

— « Então a terra era um deserto, padre? »

— « Não. As espigas da seara já se douravão ao sol de Deus; os campos eram viçosos; as noras gemião nas hortas, e os gados pastavão nos outeiros. Mas que importava isso? A terra captiva é um carcere; e a terra em que somos escravos é mais só e vasia do que o deserto. A casa d'outrem, o campo dado d'esmola, e o fogo que nos deixão accender no lar não alegrão fazem chorar. A terra vivia como vive agora; morto era só o coração do homem. Havia o mesmo sol, tinham estas flores e aquellas agoas; porém as creanças não brincavão com os pampanos da vinha como brincam essas que alli estão; e a virgem pálida de se vêr formosa não se encostava á amendoeira, como aquella faz, sentindo por cima da cabeça o rouxinol a discantar e vendo o regaço matizar-se-lhe de flores que são esperança. O harem do mouro, aberto diante della como um abismo fazia-a descorar de susto. De um momento a outro podião obrigar-a a escolher entre a morte e a deshonra.

— « Que martyrio não era viver assim! »

— « Era — mas viveu-se; e por quantos annos!... Vamos á historia, que o sol vae pôr-se, e tempo que foge, não volta... »

— « Contae pois, estamos ouvindo. »

— « No tempo, que disse, travou-se discórdia entre dois ricos-homens da terra do Minho. Contam uns que pelos olhos de certa dama; juram outros que por aposta de um cavallo. Porque foi ao certo não sei, nem importa nada. Dos seus castellos que ficavam fronteiros vigiavam o campo; e se um delles se descuidava, o outro aproveitava a occasião de o assaltar com maior sanha que aos mouros. Nas suas mesnadas ou campanhas ardia a mesma guerra; era rara a noute em que o gado se recolhia a salvo, ou os solarengos e pastores não tinham de enterrar alguém.

O mais velho entrou por fim de salto no paço acas-

tellado do contrario; tomou-o por traição; e deixou a cabeça do senhor cravada nas ameias. Foi isto uma noute vespora de S. João, quando toda a gente festejava o bemdito santo, apauhando regaçadas de flores com danças e cantigas.

O cavalleiro morto deixou um filho e um irmão; e dahi em diante se antes havia odio como um, depois cresceu como cem. A ferro e fogo mettiã os campos e os homens; não perdoavam nem ás mulheres.

Entraram e sahiram assim os annos; e de parte a parte os parentes nunca acabavam as rixas. Já o rio ia tinto de sangue; já o sino estava cançado de dobrar por defuntos, e elles teimosos sempre continuando na perdição.

Os moços fizeram-se homens, ião para velhos os homens, e só estes odios é que não tinham fim!

Neste meio tempo o filho do rico-homem assassinado era já um guapo mancebo. A cavallo ninguem tinha mais gentileza; com a lança nenhum justava melhor; coração d'ouro mais nobre, tão puro não batiã em peito portuguez.

Chamava-se D. Moço Ausures; e quando com os olhos pretos dizia « amo! » corando-lhe as faces como rozas a donzella não sabia dizer « não! »

D. Moço veiu a estremer a neta do seu inimigo. Segredos de Deus! Só elle toca os corações. A verdade é que nenhuma historia falla d'amores mais constantes nem de promessas tão bem guardadas. Passaram mezes; soube-se; e ao cabo de muitas porfias e já cançados de tamanhas guerras, de parte a parte deram o sim os parentes. O casamento ajustou-se para uma vespora de S. João. Nesse dia fazia quatorze annos que o pae de Ausures fôra enterrado.

O homem pôe, e Deus dispõe!

O cavalleiro morto tinha um irmão da mesma idade; Inigo Lopes queria tanto a seu irmão, que não estimava mais a luz dos olhos. Nasceram gemios dia de S. Pedro, por isso nos dois escusado era procurar mais uma alma, e uma vontade só.

Quando se espalhou a noticia do desastre de S. João quem não havia de chorar? — D. Inigo, o irmão orphão. — Sete dias com sete noites levou debruços na sepultura. Rompia a manhã do oitavo quando se levantou. Cinto e espada deixou-os; ia a rezar, suspendeu-se. Entrando fez ainda o signal da cruz, mas ao sabir, Jesus! voltava as costas ao altar. Os anjos nos defendam!

O que faria sete dias com sete noites D. Inigo, na capella? Não o disse a nenhum vivente, e se alguém o sabe é a cova fria. Fallava-se que um monge vira tombar-se a pedra, crescer da sepultura um corpo, e na mão do vivo tocar a mão do morto. Visões do medo! Corpo que vai á terra não torna.

Sómente com a aurora do outavo dia uma roseira abria de dentro da cova. Que frescas rozas, que ricos botões nos ramos! Se lhe punham dedo, murcha-

vam; uma flôr que se cortasse era logo o sangue a correr do pé. Sete rosas eram brancas e sete vermelhas. Também faz sete noites que debaixo da terra, com outras tantas feridas, não descança, bradando, o corpo do bom cavalleiro.

Não se fallou mais em D. Inigo. Um anno, depois outro, e sete com mais cinco correu peregrino os desertos que Deus pisára, comendo das ervas do monte, bebendo da agoa dos rios, e dormindo ás tempestades do céu.

« Vida penitente a daquelle santo! » eram as palavras do mundo; Deus, que lê no fundo dos corações, afastava os olhos delle. Com ser christão nascido, nunca mais se encommendou á Virgem, nem ajoelhou á Cruz.

Uma vez, no fim do longo desterro, anoiteceu-lhe no deserto da *Tentação*. Que esconjuros faria elle? Valha-me a Virgem Santissima! E' certo que as areias luziam como crystal e nas pintas das rochas dançavam milhares de luzeiros. Falla-lhe uma voz, elle respondeu, e por sangue vende a salvação. Acabava o pacto de se afirmar, quando o chão, como espelho, lhe representa a fealdade do crime. Virou os olhos com horror; mas a imagem ia com elle para toda a parte, como a sombra segue o corpo.

Na solidão dobravam sinos invisiveis; tres vezes o cantar do gallo acordou os echos; e d'alli muito longe risadas soltas nas profundezas do Mar Morto chegavam aos ouvidos do renegado. As cidades malditas, festejavam o rei das trevas debaixo da agua, que as submergiu.

O chão furtava-se debaixo dos passos. O temporal rebentava com as ondas na costa, com o raio no céu, com os furacões na terra. Cedros antigos, como o Libano, estalavam que nem vimes; as feras, tímidas como crianças, acoutavam-se aos povoados. Quando tudo supplicava, porque estaria surdo o coração do réprobo?

Não passou uma hora d'ahi em diante em que não corresse atraz da perdição. Um dia reinava a manhã; e o maldito curvado na margem enchia um cantaro na ribeira do Jordão. Ramos enfezados torciam-se em raro toldo sobre as ervas que a frescura mal amparava do sol. A duas passadas desfallecia um velho prostrado da sede e de canção. Uma gota só daquella agua era bastante para o salvar.

D. Inigo negou-lha. Com o cantaro entornado diante dos olhos do velho, que tragavam sofregos até a ultima lagrima d'agoa, escarneceu da sua ancía, dizendo: « Vai pedir ao teu Deus outra nascente no deserto. » — O Senhor não acudiu com prodigios ao seu servo, para elle expirar vencendo o inferno.

Desde essa hora nunca mais Inigo estancou a sede que lhe ardia no coração. Rios e fontes ou se furtavam para lhe enganar os beiços, ou mudavam em lume a fresquidão se elle os tocava. A gota d'agua

negada no deserto, na balança do Senhor, pezou um seculo de peccados.

Campridos quatorze annos voltou, nunca se soube como, á terra do seu nascimento. Contavam que um cavallo côr da noite, olhos todos chammas, não correndo mas voando, o trouxera da Judea a Portugal. A cauda varria o pó, era fogo o respirar; as crinas fugiam soltas. Diante os montes sumiam-se; os abysmos tapavam-se; e ao passar do galope infernal os carvalhos, tremendo, varriam o pó, as arvores curvando-se gemiam como juncos. Corriam, voavam! Debaixo da ferradura magica os mares coalhados eram diamantes, As faiscas, saltavam da bocca dos volcões a coroar o rei do fogo. Ao luzir d'alva o corcel levantou as mãos, refugiou, e parou. A luz apontava no topo da cruz d'uma ermida. Á medida que aclarava o dia adelgaçou o cavallo; ao primeiro raio de sol de fez-se em fumo.

D. Inigo ouviu tanger ao pé um sino; e conheceu o sitio; era a mesma igreja aonde seu irmão jazia sepultado. Ao primeiro passo abriu-se o portal de si mesmo; deu segundo, e a capella illuminou-se; deu terceiro, e seccaram as rosas vermelhas, florindo as brancas. De dentro, em cantico entoavam « *Ave maris stella.* » Estava em fim applicada a vingança do morto.

A fê a chamar por D. Inigo, e elle sem a ouvir. A voz do céu a offerrecer-lhe o perdão, e elle surdo á misericordia!

Naquelle instante, muito longe d'alli, orava a Deus um santo pelo maior peccador da terra. Arrebatado em visão descobriu um homem cuspiendo, por escarneo, na Cruz de Christo, á porta da sua igreja. O anjo da guarda, ajoelhado no cruzeiro, banhava de lagrimas as vestes luminosas. Este desacato gellou-lhe o pranto, e cobrindo de repente o rosto subiu na aragem, até se perder nos raios do sol nascente

— « A tua clemencia é insondavel, Senhor! exclamou o justo. — Haverá tambem perdão e esperanza para o que te renega? »

Neste ponto a visão passou; as portas da ermida fecharam-se com estrondo — e uma voz, semelhante á do temporal rugindo nas selvas, bradou ao longe: — « *Memento, homo, quia pulvis es!* »

(Continua.)

POESIA.

SE CORAS, NÃO CONTO!

Tu queres que eu conte um sonho que tive
 Não sei se acordado, não sei se a dormir:
 Foi todo singello — foi todo innocente:
 Tu coras — surris-te — tens medo d'ouvir?

Não cores — escuta — não fujas de mim,
Que o sonho foi sonho de casta isempção:
Já crês — não duvidas — verás como é lindo
O sonho innocente do meu coração:

Eu via em teus labios um meigo sorriso,
Em teus olhos negros um terno mirar,
Teu seio de neve a arfar docemente,
Sentia nas faces o teu respirar.

E tu não fallavas, mas eu entendia,
E tu não fallavas, — mas eu bem ouvi
Amor! — na minha alma a voz me dizia,
E um beijo na fronte não sei se o senti. —

Já vês que o meu sonho é sonho innocente
O resto eu te conto; como has-de gostar!
E' todo singello — de amores sómente:
Verás que ao ouvil-o não has-de córar.

Depois apertando teu corpo ligeiro,
Cingindo teu collo no braço a tremer,
Ouvi uma falla — e o que ella dizia
Agora acordado não posso eu dizer.

Não posso contar-ta — só pude sentil-a
Não posso contar-ta senão a sonhar.
No sonho innocente — no sonho d'amores
Que tu — duvidosa — julgavas córar:

Não posso contar-ta — nem sei se acordado
O que ella dizia se pôde entender,
Eu sei que sonhando pensei que era sonho
E agora acordado a não posso esquecer.

Mas tu porque escondes a face córada?
Não tem nada o sonho que faça córar,
E' todo singello — é todo innocente,
Que importa um abraço se é dado a sonhar?

Mas tu não te escondas, que eu fico callado,
Não quero offender-te a casta isempção,
Não torno a contar-te depois de acordado
O sonho innocente do meu coração.

Bulhão.

NOTICIAS.

PRAÇA DE LISBOA.

— No dia 26 o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa.....	1,8940	1,8920
Tres operações.....	18	22
Inscrições de 5 por cento.....	40	42

Ditas de 4 por cento	31 1/2	34
Papel-moeda	10	13
Titulos antigos (azues).....	6	8
Escritos para as alfandegas	88	90
Na 6.ª parte	84	85
Accções do Banco de Portugal.....	400,000	410,000
Ditas das Lezírias.....	380,000	390,000
Ditas — Seguro Firmeza.....	380,000	390,000
Ditas — Fidelidade.....	20 a 22 por cento pr.	
Ditas — Omnibus.....	60,000	62,000
Ditas — Pescarias.....	23,000	23,000
Ditas — Vapores do Têjo.....	19,200	21,000
Ditas — União Commercial.....	55,000	60,000
Ditas — Fiação e Tecidos.....	70,000	72,000
Ditas — Valla d'Azambuja.....	100 por accção.	
Obras Publicas.....	2 1/2	3 por cento
Confiança Nacional.....	350,000	355,000

MORTALIDADE EM LISBOA.

No dia 13 de Agosto 12 pessoas. — No dia 14, 38. — No dia 15, 24. — No dia 16, 19. — No dia 17, 37. — No dia 18, 19. — No dia 19, 22 pessoas.

Estadística dos casamentos, baptizados, e obitos da capital no mez de Junho.

Baptizados: varões, 119; fêmeas, 116. — Casamentos, 111. — Obitos: maiores varões, 84; maiores fêmeas, 93; menores varões, 54; fêmeas menores, 37.

ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 10 a 17 d'Agosto de 1849.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq. ^s	moios	alq. ^s	moios	alq. ^s	moios	alq. ^s
Entrada.....	873	24	288	19	1	36	13	—
Despacho.....	576	12	405	53	1	39	1	48
Existencia.....	4444	15	1621	32	660	56	103	44
Preços.....	400 a 560		230 a 240		320 a 340		260 a 300	

NOTICIAS DO PORTO.

— Acha-se quasi concluida a obra da casa Pia, na parte que tinha sido consumida pelas chammas.

— No dia 15 passaram na ponte pensil da cidade para Villa Nova, pessoas 9463, bois 1, cavalgaduras 192; de Villa Nova para a cidade, 9547 pessoas, 7 carros, e 127 cavalgaduras.

— Do dia 1 a 15 de Julho exportaram-se pela barra do Porto 380 bois para Inglaterra.

— No dia 15 os preços dos cereaes fóram os seguintes: trigo 600 a 700 réis. — Milho 380 a 400 réis. — Centeio 300 a 320 réis. — Cevada 240 a 260 réis.

CEREAES EM MONTE-MOR VELHO EM 16 D'AGOSTO.

Trigo de 360 a 450 réis. — Milho de 240 a 280 réis. — Cevada 160 réis. — Centeio 250 réis.

Estatística geral dos exames preparatorios feitos no Lyceo da Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1847 a 1848.

Disciplinas	Approvados n ^o mine fiscres- pante	Approvados simpli- citer	Repro- vados	Total
Grammatica portugueza e latina .	15	»	»	15
Latinidade	142	33	67	244
Grego	12	»	»	12
Hebraico	4	»	»	4
Francéz	149	51	15	215
Inglez	2	»	»	2
Alemão	1	»	»	1
Filosofia racional e moral, &c.	138	43	37	218
Rethorica, Historia, &c.	99	28	3	130
Arithmetica e Geometria	83	32	27	142
Cathecismo	147	»	»	147

PRAÇA DE MADRID.

18 de Agosto.

Titulos de 3 por 100, 19 $\frac{9}{16}$. — Titulos de 5 por 100, 10 $\frac{3}{4}$.
— Acções do Banco de 2.000 rs., 1.000. — Idem Probidad de 2.000 rs., 1.200. — Idem do Canal de Castella a 4.000 rs. — Idem do Iris ao portador de 1.000 rs., 1.000. — Idem idem nominaes de 1.000, rs. 100.

FUNDOS FRANCEZES EM 12 D'AGOSTO.

5 Por 100 abriu a 71 — 50, e fechou a 71 — 23. — 3 Por 100 abriu a 43 — 50, e fechou a 44.

FUNDOS INGLEZES EM 16 D'AGOSTO.

Consolidados, 86 $\frac{1}{3}$. — Reduzidos de tres por cento 86 $\frac{1}{4}$.
— Banco, 197 $\frac{1}{2}$. — Exchequer bills, Março, 30 premio.
Os Estrangeiros — Hispanhoes de 5 por 100, 11 $\frac{3}{4}$. — Belgas de 4 $\frac{1}{2}$, 66 . . . 70. — Brasileiros de 5, 70. — Mexicanos de 5, 16 $\frac{3}{4}$. — Portuguezes de 4, 17.

COMMERCIO DE CEREAS EM INGLATERRA.

Um papel official publicado no dia 16 declara que os cereaes estrangeiros importados desde 1 de Março montam a 165,557 quarters (o quarter é proximoamente 8 alqueires).

Londres 16. — A entrada de grãos estrangeiros foi muito grande; de manhã o commercio de trigo foi pouco activo; a cevada e aveia foram procuradas.

Estatística official do gado importado no presente anno de 1848 do continente para Inglaterra.

	Bois, vacas, e bezorros	Cornueiros e cordeiros	Por- cos
Londres . . . — de Jan. 1 a Agosto 5	22,649	52,369	87
Liverpool . . — de Jan. 1 a Agosto 5	10	—	176
Hul — de Jan. 1 a Agosto 5	2,791	1,070	29
Southemtu . — de Jan. 1 a Agosto 5	1,163	43	2
Yarmontb. . . — de Jan 1 a Agosto 5	1,355	320	24
Total	27,968	53,802	318

DESCUBERTA IMPORTANTISSIMA.

No dia 15 de Agosto teve lugar, em Londres, uma serie de experiencias feitas em presença das auctoridades sobre

uma madeira preparada por Mrs. Payne, com o fim de resistir ao fogo. Formaram-se tres cabanas, duas de madeira preparada, e uma de madeira ordinaria; deitou-se fogo a todas tres, e, em quanto a de madeira ordinaria ficou logo consumida, as outras duas, ainda que carbonizadas em alguns pontos, resistiram á acção das chammas. A despeza de preparação da madeira é muito pequena. A madeira preparada contra o fogo é impregnada pelo sulfato de ferro; e a alumina decomposta pelo muriato de cal.

Esta preparação dá grande belleza mesmo ás madeiras ordinarias, e dá-lhe tal consistencia, que as torna proprias para a construcção dos carris nos caminhos de ferro.

JORNAL DE BELLAS ARTES.

Acaba de sahir á luz o N.º III da segunda serie do Journal de «Bellas Artes.» Contem uma poesia do Sr. Cascaes intitulada = «Um át pela patria» = S. Jeronymo quadro original conservado na Academia de Bellas Artes de Lisboa e por ella attribuido a Miguel Angelo, com um artigo do Sr. Julio Caldas. A conclusão da novella = «Os Dois Artistas» = de D. J. Bermudes de Castro. E uma rapida noticia critica da inauguração das estatuas sobre o frontão do Theatro Nacional.

Esta publicação dispendiosa e unica entre nós na sua especialidade, é um poderoso incentivo ao progresso das boas artes, que sempre retratam fielmente a civilização de qualquer paiz. Oxalá que a falta de gosto e de estímulo retirando-lhe o auxilio indispensavel não desanimem os bons desejos que se empenham para a continuar. Em Portugal não é costume pagar com a devida protecção o lavor dos homens consagrados a promover o aperfeiçoamento social.

A illuminura da poesia, desenhada pelo Sr. Bordallo, e gravada pelo Sr. Coelho, é um trabalho gracioso, que honra a invenção, e prova o consecutivo adiantamento dos dois artistas. A estampa de S. Jeronymo é bella, tem a grandeza e o vigor da eschola de Miguel Angelo, mas parece-nos que lhe falta a alma e a sciencia inimitavel do mestre. Ao torso, copia manifesta do Laocoon, não corresponde a cabeça muito menos bem palpada, pequena para o corpo, e muito mais fraca de desenho. Duvidamos que o quadro seja do Buonarrotti. A posição violenta e difficulosa, o braço tendido com esforço, e a primorosa expressão, com que resahem os musculos em nú, e se pronunciam os membros de baixo das roupas, são qualidades do seu estylo: porém a ignorancia dos costumes da epoca, e a introdução de accessorios impertinentes, para não dizer ridiculos, desmentem a severidade do grande esculptor, e denunciam talvez a mão devota de um discipulo monge

Acresce a duvida até hoje recebida de não se conhecer painel a oleo por Miguel Angelo, e de ser por isso mais que problematica a existencia de um quadro tal, sem que delle fizesse menção nenhuma das obras, que tão de perto investigaram os estudos do auctor do Juizo Universal

O artigo desta estampa, bem traçado e correto pondera rapidamente estas difficuldades, sem as resolver, e inclina-se tambem a não admittir a supposição dos professores da Academia. A traducção do ultimo capitulo da novella de Bermudes de Castro tem o desafogo e a facilidade de um trabalho original. Sem ser amancorada é casta na linguagem, e seu se fazer escrava, molda as formas e grava com perfeição as idéas da bella anecdota castelhana. Póde citar-se como exemplo de boa versão. Achámos um pouco severa quanto ao Gil Vicente a critica das estatuas do frontão do Theatro, e justissima no resto das suas observações.

Convidamos es nossos leitores a animarem com a sua concurrencia um jornal, que sabe conciliar o util com o agradável; e que bem protegido ha-de ser de extrema vantagem ás desprezadas artes patrias.